

NÃO HÁ NADA MAIS SUBJETIVO QUE A OBJETIVIDADE, DIZ FERNANDO MORAIS

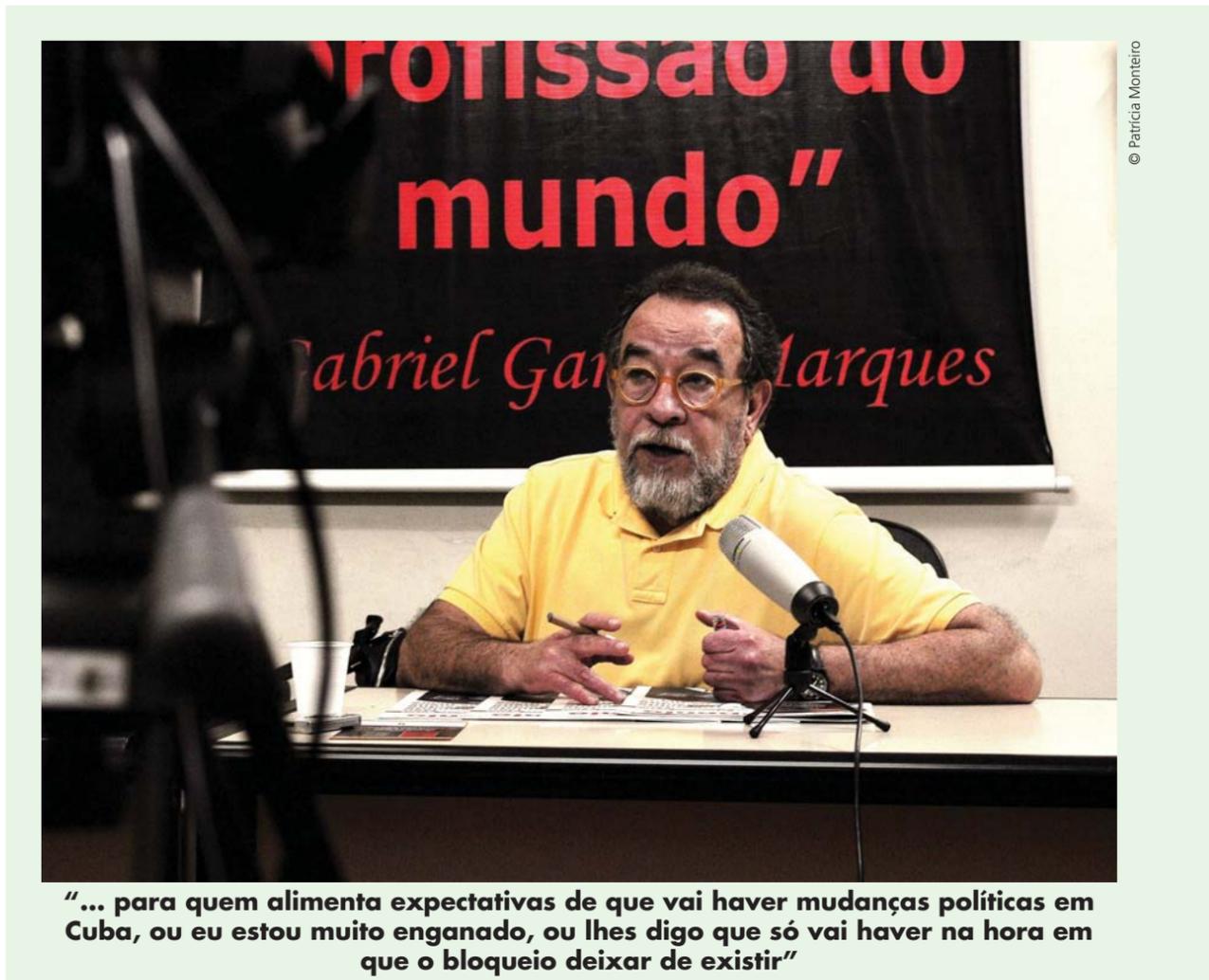
Em coletiva ao **Contraponto**, o autor de *A Ilha e outros* explica como começou a carreira, comenta sobre novo trabalho e destaca o caráter de sua produção jornalística

Da Redação

“E m nenhum livro meu não há uma frase, uma sílaba sequer, nada de ficção. Absolutamente nada”, foi o que disse Fernando Morais, ao **Contraponto**, no último dia 5 de outubro. Sem negar, no entanto, o caráter subjetivo de sua própria produção, na entrevista, ele preferiu ser mais incisivo e fugir de discussões como a de separar jornalismo e ficção; falou um pouco do novo livro, *Os Últimos Soldados da Guerra Fria* (Cia. Das Letras, 2011); comentou um pouco sobre os métodos de seu trabalho e sobre Cuba. Além disso, atacou a falta de espaço para grandes reportagens, hoje, no jornalismo brasileiro, e foi enfático: “O que alguns editores andam dizendo em relação a isso é que o leitor não gosta de ler textos longos, o que é uma mentira, senão eu estaria morrendo de fome”.

Contraponto – Você começou bem novo a trabalhar com o jornalismo. Como se deu essa passagem do trabalho com *hard news*, para o trabalho com grandes reportagens e, posteriormente, escrevendo livros?

Fernando Morais – Eu tive a sorte de fazer a minha carreira num veículo que era uma escola de jornalismo, o *Jornal da Tarde*; e lá, de fato, eu fiz de tudo: cobri crimes, cobri engarrafamentos na Via Anchieta, atropelamento de cachorro... Com o tempo, quando os meus editores foram gostando do que eu tava fazendo, começaram a me dar matérias mais importantes; e, em 1970, eu fui destacado para a grande matéria, que representou uma virada na minha carreira, que era quando os militares tinham decidido construir a Transamazônica e o jornal resolveu destacar a mim e ao Ricardo Contijo e um fotógrafo para percorrer os lugares que a Transamazônica ia passar e mostrar o que estava esperando os operários que iam construí-la, que mundo era aquele; sabia-se pouquíssimo da Amazônia naquela época. Nós fomos e escrevemos uma série que foi publicada durante cinco dias, com 20 páginas, ou seja, um caderno por dia, sem anúncio nem nada, no *Jornal da Tarde*. Essa série ganhou o Prêmio Esso de reportagem daquele ano e foi, em seguida, transformada em livro pelo Caio Graco. Eu tinha uns 23 anos e meu livro, pra época, vendeu muito, ainda mais por ser um livro escrito por dois anônimos e deu um dinheirinho, e eu fiquei com aquilo no subconsciente. Fiquei empurrando, empurrando, empurrando e, em 1975, eu já não tava mais no *Jornal da Tarde* e fui pra Cuba, fiz a série de reportagens que era para sair na revista *Visão*, mas o dono recusou e eu resolvi publicar em livro, e o livro vendeu muito, muito, muito. Além de me dar uma dignidade profissional pro meu nome, começou a dar um dinheirinho. Ali, eu acho que se cristalizou na minha cabeça a perspectiva de, em



“... para quem alimenta expectativas de que vai haver mudanças políticas em Cuba, ou eu estou muito enganado, ou lhes digo que só vai haver na hora em que o bloqueio deixar de existir”

algum momento, fazer essa inflexão para a publicação de grandes reportagens em livro. De lá pra cá, acho que a sorte me ajudou muito, vendi bem e nenhum dos meus livros deixou de freqüentar as listas dos mais vendidos. O que alguns editores andam dizendo em relação a isso é que o leitor não gosta de ler textos longos, o que é uma mentira, senão eu estaria morrendo de fome, dizem também que a internet viciou o leitor a ler apenas as *hard news* curtinhas, se fosse assim eu tava ferado, porque eu vivo dos meus livros.

CP – Para escrever seu novo livro, *Os Últimos Soldados da Guerra Fria*, você voltou a Cuba. O que você notou de diferente entre quando você visitou o país para escrever *A Ilha* e agora?

FM – Na verdade, entre o primeiro livro e esse, eu fui a Cuba muitas vezes. Seguramente, é o país em que eu estive mais vezes. Não sei contar quantas vezes fui a Cuba. Do ponto de vista do trabalho jornalístico, esse último livro deu muito mais trabalho, porque eu estava mexendo com aquilo que se chama de informação sensível. Havia muitas restrições, por não poder colocar em risco a vida de ninguém, entre outras coisas. Eu ia insistindo e ainda havia coisas que eles não queriam me fornecer. Numa noite, eu cheguei a Havana, comecei a pedir umas coisas e os caras relutavam. Então houve esse tipo de dificuldade que eu não tive no primeiro livro, pois era um livro muito

mais “vão de pássaro”, eu não estava ali entrando detalhadamente numa área de inteligência, que é uma área delicada de um país que é ameaçado, até, por uma mega potência militar e econômica. Em relação ao país, sobretudo eles estão começando agora a fazer mudanças econômicas importantes que, na verdade, são correções de coisas que foram feitas no período pós-revolução. A revolução veio com um radicalismo só comparável ao da Revolução Russa de 1917. Tudo foi estatizado: até os barbeiros, os podólogos, os taxistas eram do Estado. Agora, para quem alimenta expectativas de que vai haver mudanças políticas em Cuba, ou eu estou muito enganado, ou lhes digo que só vai haver na hora em que o bloqueio deixar de existir. É um país em estado de guerra.

CP – Em *Chatô*, sua biografia sobre Assis Chateaubriand, há uma cena, nos momentos finais da vida dele, em que ele está em coma, quando ele tem um “delírio antropofágico”. Como você entrou na cabeça dele? E como você entrou na cabeça de Olga para saber o que ela pensava quando as enfermeiras lhe retiravam seu filho?

FM – O Chatô estava em coma e levou muito tempo pra se recuperar, ficou tetraplégico. Da cabeça pra baixo, ele não mexia nada, então inventaram para ele uma máquina com uma telinha de televisão e uma roldana em cima, em que ele punha um dedo que mexia um pouco e a roldana em-

purrrava o dedo para que ele apertasse uma tecla da máquina de escrever. Ele escreveu um artigo contando a cena em que ele estava em coma e ouvia as pessoas falando. Eu achava que aquilo fosse chute e procurei um neurologista para quem eu perguntei se é possível uma pessoa em estado de coma profundo ouvir o que está se falando em volta, a resposta foi afirmativa. No caso da Olga, eu sei o que ela estava pensando quando as enfermeiras retiraram seu bebê e simularam que iriam colocar num orfanato, mas, na verdade, entregaram para a mãe do Prestes, para a avó paterna. Sei, porque se você se der ao trabalho de acompanhar o livro, verá que ela não saiu de lá e foi direto pra câmara de gás, ela passou seis anos dentro de um presídio. Muitas das presas que passaram um tempo com ela lá estão vivas e me contaram o que ela mesma contou que havia sentido na hora que lhe tiraram a criança. Agora, eu não vou colocar nota de pé de página sobre como eu consegui cada informação. É impossível “engatar a primeira” no livro e ter que parar pra dizer como eu consegui tal informação. Não tenho que ficar dando explicações ao leitor. Em nenhum livro meu, desde a primeira página sobre a Transamazônica até a última página de *Os últimos Soldados da Guerra Fria*, não há uma frase, uma sílaba sequer, nada de ficção. Absolutamente nada. Eu poderia até dizer que determinada cena foi romanceada, usei de liberdade dramática, mas não tem nada disso em meus livros.

CP – A sua simpatia ou antipatia por determinado personagem pode influenciar no seu trabalho? Por exemplo, falando do governo Lula, sua opinião pode mudar os rumos de seu trabalho?

FM – Não muda nada, eu não possuo objeção dessa natureza. Inclusive, estou me preparando há nove anos para escrever sobre o Antônio Carlos Magalhães; entre o rumo que eu quero e o que o ACM

queria para esse livro tem um abismo. Então, não tem disso não. Eu estou aí numa conversa com o Lula pra ver se escrevo sobre ele, e, se der certo, será feito com a mesma honestidade que fiz todos os outros. Eu acho que a virtude do biógrafo não é crucificar o personagem, nem canonizar, é desenterrar o defunto e colocá-lo para andar da forma mais parecida possível com o que ele era. Inclusive, quando escrevi *Chatô*, os amigos dele ficaram indignados comigo, porque eu pinte um retrato de um monstro e os inimigos dele ficaram indignados comigo, porque eu transformei um ladrão, batedor de carteira, num mecenas internacional. Eu vejo isso como um bom sinal, significa que eu fiz um livro muito parecido com o que o personagem era, pois quando ele estava vivo era assim: metade achava que ele era um gangster e metade achava que ele era um santo. Não há nada mais subjetivo que a objetividade, o simples fato de eu estar escolhendo um tema já tem alguma subjetividade envolvida aí. O Lula, não é só porque eu gosto dele, não; mas se você pegar a história dele num país conservador como o nosso, intolerante como o nosso, preconceituoso como o nosso, só isso já dá uma história boa. Será que é o caso de eu escrever uma biografia ou não seria melhor eu escrever sobre os bastidores do governo Lula? Não sei, estou conversando com ele.

CP – Como é a sua preparação para escrever uma biografia?

FM – Varia muito de personagem para personagem. Eu tenho alguns cuidados que fui aprendendo com o tempo, por exemplo, após definir que o personagem é aquele, começar a ouvir primeiro as pessoas mais idosas, por uma preocupação óbvia: eles morrem antes. Varia tanto, eu vou verificando documentos ou artigos, vou fazendo entrevistas. É muito difícil responder, pois não há uma metodologia, o mesmo autor adota meto-

dologias diferentes para personagens diferentes. Então, fazer a biografia do Chatô foi completamente diferente de fazer a biografia da Olga, não é só porque um é capitalista conservador e a outra era comunista, mas porque são duas histórias diferentes, em duas épocas diferentes, duas realidades diferentes, dois mundos diferentes. Não tem muito truque, a própria história te guia. Às vezes, você começa com dez entrevistados e termina com 200, um vai puxando o outro, até que chega uma hora que você percebe que acabou. Eu só sento para escrever, seja uma biografia, seja um livro sobre um episódio, quando eu me sinto absolutamente seguro sobre o tema ou sobre o personagem, a ponto de eu fazer testes com minha família me perguntando sobre aquilo. Mesmo assim, enquanto estou escrevendo o livro, me dou conta de buracos enormes, então vou refazendo entrevistas.

CP – De que forma a internet mudou seu processo de pesquisa?

FM – Nesse momento, por exemplo, os buracos que eu fui encontrando nesse último livro (*Os últimos Soldados da Guerra Fria*) tapei com o *Skype*. Não tinha sentido eu ir até Havana ou pagar uma ligação telefônica para checá-los. Então, eu usava o *Skype* com um gravador do lado. Mudou mais na comunicação e na organização; na pesquisa, não. Não há mais aquela sujeira que eu tinha no meu escritório antigamente, eu tinha papéis e fotografias por qualquer canto, grudava folhas na parede, minha mulher ficava furiosa, porque quando se arranca aquela fita crepe, arranca também a pintura da parede. Hoje não tem mais isso, há inclusive programas que me ajudam a organizar por tema ou por cronologia.

CP – Qual a interferência que um personagem vivo pode exercer sobre o seu texto? No caso do Lula ou do Paulo Coelho, por exemplo, eles mudaram os rumos da sua ideia original?

FM – Quando eu propus ao senador Antonio Carlos Magalhães de fazer a biografia dele, nós conversamos, ele achou aquilo ótimo e, após uma hora de conversa, eu lhe disse: temos que resolver uma coisa agora, para não termos problemas depois, o senhor não vai ler os originais do livro; quando o primeiro exemplar sair da gráfica eu o trago para o senhor, mas na hora em que o senhor estiver lendo, espero que mais milhares de pessoas estejam lendo pelo Brasil a fora. Ele não gostou, estava tudo certo que eu faria a história dele, mas depois disso ele resolveu pensar e me chamaria de novo dali 15 dias. Após 15 dias, ele me chamou e disse: pode escrever, não tenho nada do que me envergonhar. Com o Paulo Coelho foi a mesma coisa, o Paulo não pensou. Na hora que o liguei para acertamos, eu disse para ele que não poderia ler os originais, ele disse: não estou nem aí. Mas, na verdade, não foi assim. Na hora em que recebeu o livro, ele não gostou, ficou meio bravo, ficou sem falar comigo por um tempo. Eu estava pensando em escrever sobre o Kadafi quando terminei a biografia do Paulo e ainda não tinha começado a dos cubanos, não sei se uma biografia ou retrato, um perfil, e fui para a Líbia. Para ir à Líbia, eu tinha que passar por algum lugar na Europa, resolvi passar por Paris para aproveitar e falar com o Paulo. Fui lá, bati na porta da casa dele, ele me chamou para tomar um café e disse que ficou muito assustado com o livro, porque tinha coisas ali que ele não sabia que havia sido tão mau. Mas, se eu escrever sobre o Lula, vai ser assim também. Ou existe um grau de confiança no autor ou não tem livro; por isso, fazer biografia de gente viva é tão complicado.

“O QUE ALGUNS EDITORES ANDAM DIZENDO EM RELAÇÃO A ISSO É QUE O LEITOR NÃO GOSTA DE LER TEXTOS LONGOS, O QUE É UMA MENTIRA, SENÃO EU ESTARIA MORRENDO DE FOME”



“Eu acho que a virtude do biógrafo não é crucificar o personagem, nem canonizar, é desenterrar o defunto e colocá-lo para andar da forma mais parecida possível com o que ele era”